

## camisas negras. o fascismo explicado por luce fabbri

*elena schembri*

A anarquista italiana Luce Fabbri nasceu em Roma em 1908 e passou sua juventude em Bolonha. Com o advento do fascismo e suas perseguições, precisou fugir do país com a família e se refugiar em vários países europeus até 1929, quando chegou em Montevideu. Em 1933, Luce foi convidada para apresentar seis conferências no *Colegio Libre de Estudios Superiores* em Rosario de Santa Fé (Argentina) sobre o tema do fascismo italiano e internacional. Os textos das palestras foram reunidos posteriormente no livro *Camisas Negras. Estudio crítico histórico del origen y evolución del fascismo, sus hechos y sus ideas*, publicado em espanhol pela editora Nervio, de Buenos Aires. A obra nunca foi publicada na Itália e tampouco traduzida em outra língua. Isso não reduz o valor deste trabalho, mas é sintoma, por um lado, do escasso interesse sobre esta mulher na Itália e, por outro lado, do quanto o fascismo conseguiu apagar a circulação das ideias.

*Elena Schembri é doutoranda em História pela Universidade de Campinas, possui graduação em Culturas e Direitos Humanos pela Università di Bologna (2009) e mestrado em Ciência Política pela UNICAMP (2014). Contato: elenasp@protonmail.com*

camisas negras. o fascismo explicado por luce fabbri

Apesar disso, a obra foi recebida com muita estima entre os companheiros de vários países. Em janeiro de 1935, a revista *Claridad* de Buenos Aires (n. 285) publicou um trecho de *Camisas Negras*, do capítulo “Las dictaduras y la cultura”, sobre o absolutismo de ontem e de hoje e sobre o tema da relação entre arte e liberdade. O número incluiu também um artigo assinado por A. Vasquez Escalante, amigo de Luce, no qual o autor elogiava a obra e sua autora pela forma clara e concisa com a qual ela foi capaz de analisar os diferentes fatores que tornaram o fascismo o regime italiano:

“Para os que pensam que Mussolini foi o salvador da Itália seria extremamente interessante a leitura deste livro, em que a figura do sinistro ditador aparece em uma série de fatos, certamente ignorados por muitos de seus apoiadores, e no qual se vê não o ‘herói’, mas o aventureiro ousado, ávido por domínio e poder.”

Outra revista argentina, *Nervio*, no número 36, divulgou *Camisas negras* com estas palavras: “documento histórico que põe a nu a essência, os métodos e a finalidade que busca o fascismo internacional. Deves ler e propagá-la”. No número seguinte o slogan é claro: “Leia, divulgue-o”. E continua: “As críticas foram unânimes em reconhecer que o estudo de Luce Fabbri sobre o fascismo é o mais completo já publicado até o momento. A autora faz uma análise da origem e evolução dos fatos e ideias do fascismo, expondo seus crimes, suas ambições, sua finalidade e suas contradições, considerando-o em todos os seus aspectos: o político, o econômico, o social e o moral.”

Em uma revista americana, *Books Abroad*, de Ernst Erich Noth da University of Oklahoma, no volume 9,

de 1935, apareceu uma resenha sobre *Camisas negras* no qual Albert Guérard elogiou o trabalho. Luce Fabbri identificou as estratégias do regime de Mussolini, a sua formação social e cultural e investigou sua forma de ação de maneira circunscrita. Suas reflexões foram elaboradas no momento em que os acontecimentos foram vividos, o que lhe permitiu entender “as “relações essenciais” de seu tempo, os problemas fundamentais no momento mesmo em que emergem e se constituem”<sup>1</sup>.

Nos seis capítulos de sua atenta análise, Fabbri aprofundou os aspectos políticos, econômicos e sobretudo culturais na origem da instauração da ditadura fascista e que caracterizaram este regime. Continuada da leitura do pai, Luigi, feita no livro *La controrivoluzione preventiva* (1922)<sup>2</sup>, Luce pretendia que a discussão sobre o fascismo fosse uma forma de luta e de militância que ela poderia desenvolver como exilada. Se, conforme Luigi, o fascismo surgiu em Milão, Bolonha representou seu berço e lá se tornou mais forte do que em outras regiões italianas. Justamente nesta cidade os socialistas exerciam um papel fundamental na política local e as experiências cooperativas, mutualistas chegaram a controlar grande parte da economia do lugar, com a desaprovação dos capitalistas. “Em Bolonha, onde eu morava na época, o ‘Órgão Autônomo de Consumo’ absorvia grande parte do comércio. O prefeito socialista, organizador e animador deste instituto, não era um revolucionário, mas declarou que, se contra sua vontade se produzisse uma revolução anticapitalista, ele poderia se comprometer a abastecer toda a região por meio dessa rede de cooperativas”<sup>3</sup>.

Em Molinella, pequena cidade próxima de Bolonha, a família Fabbri assistiu à persistente resistência dos

camisas negras. o fascismo explicado por luce fabbri

trabalhadores do campo e à sua inesperada, mas inevitável, derrota obtida mediante a violência dos camisas negras recrutados pelos latifundiários. Luce dedicou grande espaço a esse assunto, tratando-o como uma experiência de luta muito preciosa para o movimento dos trabalhadores, devido à sua capacidade de organizar toda economia local com base nos princípios cooperativos.

Em *Camisas negras*, Luce analisa em primeiro lugar o fascismo como fenômeno internacional, definindo suas principais características: classicismo, autoritarismo, nacionalismo e tradicionalismo. Em seguida, dedica dois capítulos ao fascismo italiano, reconstruindo sua história a partir dos primeiros passos das ações violentas dos camisas negras até chegar ao sistema totalitário de poder de 1935. Uma seção importante do livro é dedicada ao corporativismo, ideia fundante do pensamento fascista, que, de forma clara, Luce mostra ser um instrumento do capitalismo de Estado ao qual a burguesia se submeteu com aprovação. O quinto capítulo é dedicado à questão da relação entre as ditaduras e a cultura, no qual Luce explica como os regimes tem como objetivo apagar os cérebros pensantes, e afirma que não pode existir cultura em uma ditadura. O livro conclui com uma análise comparativa entre o fascismo italiano, que, segundo Luce, tem sua origem no medo do capital frente às conquistas dos trabalhadores, e o nazismo alemão, que, ao contrário, é apoiado por massas desesperadas.

## **O fascismo italiano e internacional**

O primeiro capítulo intitulado “El fascismo como fenómeno internacional” abre-se com uma crítica àqueles

que, quando o fascismo surgiu na Itália, desconsideraram-no e o definiram como um fenômeno do Sul, de um povo atrasado e medieval. Os erros cometidos na Itália se repetiram em outros países, *in primis* na “civilizada” Alemanha, e cada país ficou preocupado com seu próprio caso nacional. O nazismo levou a essência da doutrina fascista do plano nacional para o internacional e utilizou como meio de propaganda, o nacionalismo. Tal aspecto pode representar um limite porque o fascismo se encontra fechado dentro de fronteiras nacionais e está condenado a forjar inimigos, dado que dois imperialismos não podem coexistir sem enfrentamentos violentos em sua expansão. Por esta razão, torna-se interessante o caso da Áustria, onde, de um lado, há um fascismo nacional, baseado no modelo italiano e financiado por Mussolini, e, de outro, um nazismo mais recente, financiado por Hitler. O fascismo estava se espalhando até mesmo por países considerados democráticos, através de grupos ou partidos como o Ku Klux Klan nos Estados Unidos ou de partidos de várias cores, da tradicional *Action française* fundada em 1898, até movimentos mais recentes como a Liga das Juventudes Patriotas e a *Croix du Feu*, ambas também na França. Na Bélgica, havia a *Legião Nacional*, uma verdadeira organização fascista financiada pelos grandes industriais, de tipo hitlerista, com características militares e que pretendia constituir um Estado flamengo. Também a Inglaterra não é isenta do fenômeno fascista, e inclusive um partido nasceu ali, dirigido por Oswald Mosley, líder que teve uma trajetória parecida com aquela de Mussolini, ambos se separaram do partido trabalhista. Na Espanha, o partido fascista surgiu em 1933, com seu

órgão de imprensa *El Fascio* e no qual militava o filho de Primo de Rivera.<sup>4</sup>

## Origens do fascismo

A primeira condição que levou à instauração do fascismo, conforme Luce, foi a Primeira Guerra Mundial, que “muniu de armas e paixões o que já se elaborava, seja no campo espiritual, seja no campo econômico”<sup>5</sup>. As palavras da anarquista italiana, com as quais ela abre o capítulo sobre o fascismo italiano, com o subtítulo “La guerra”, explicam nas primeiras frases seu ponto de vista. “O fascismo é, sem dúvida, o filho da guerra. Na guerra se encontra sua explicação e sua justificativa histórica, que é uma coisa muito diferente da justificativa moral. (...) o fenômeno fascista não seria possível antes da guerra, pelo simples fato de que qualquer hipótese neste sentido se apresentaria aos olhos dos tranquilos europeus das primeiras décadas do século com cores de uma fantasia absurda, sonho doentio de um escritor de *grand guignol*. Foi necessária a educação terrível e negativa de quatro anos da luta sangrenta, para que o que aconteceu depois passasse do terreno do inconcebível ao terreno da realidade”<sup>6</sup>.

Ao explicar as causas extra econômicas do fascismo, Luce utilizou o conceito de contrarrevolução preventiva. Isto significava que as violências fascistas com a qual o partido cresceu eram suportadas pela burguesia por sua função antiproletária, para prevenir as vitórias operárias e como forma de disciplinar a sociedade. De fato, o *Biennio Rosso* representou um período de avanço do proletariado, e as ocupações de fábricas, o crescimento das cooperativas e das organizações operárias no campo

e na cidade, ameaçavam os interesses da classe burguesa. Mas tais conquistas foram combatidas pelas classes dominantes por meio do suporte dos esquadrões fascistas. Tudo começou com as expedições punitivas a serviço dos grandes industriais e latifundiários, às vezes, por eles financiadas, às quais a polícia não opunha com nenhuma sanção, pelo contrário, as protegia. Foram queimadas cooperativas, bibliotecas operárias e, quando acontecia um ato dos proletários, os camisas negras eram chamados para reprimir os trabalhadores. O proletariado, desarmado pela polícia em operações anteriores nas próprias casas e quase sempre derrotado pelos ataques fascistas, sofreu também a redução dos salários, à qual era difícil se opor.<sup>7</sup> “Quando as classes abastadas, que esperavam cheias de horror e ódio o estrondo de um movimento expropriador, se deram conta da debilidade material das massas, recuperaram o ânimo e saíram do campo da legalidade para destruir com violência o que o povo havia construído de forma legal. Dessa forma, tivemos na Itália uma contrarrevolução sem que houvesse existido uma revolução. Essa contrarrevolução, que então parecia um fenômeno puramente italiano e hoje é um fenômeno mundial, se chamou fascismo”<sup>8</sup>.

O movimento operário demonstrou sua vitalidade criativa com as ocupações das fábricas que se tornavam uma nova forma de ação direta diferente da clássica luta sindical que se finalizava a cada conquista imediata: “Este movimento de emancipação trabalhista, apesar de ter perdido em grande parte seu caráter revolucionário, herança da Primeira Internacional, não deixava de preocupar a classe dirigente”<sup>9</sup>. Assim, os proprietários dos meios de produção começaram a financiar o fascismo como instrumento imediato de defesa, que atuava com a

clássica violência contra os trabalhadores. No entanto, há um aspecto importante que é peculiar da leitura anarquista de Luce. De fato, salienta a autora, com a Revolução Russa, difundiu-se na sociedade italiana “uma absurda mística ao redor do nome de Lenin” e uma relativa tendência dos indivíduos das massas trabalhadoras a confiar na salvação vinda do alto da parte de uma espécie de Messias. Conforme a anarquista italiana, este medo de uma parcela do proletariado a assumir responsabilidades e iniciativas em primeira pessoa era inclusive resultado de uma herança educativa socialdemocrata que estava muito presente na cultura do começo do século XX. Tanto Luce quanto o pai Luigi, consideravam que justamente este tipo de cultura se tornou em parte responsável pelo fracasso da revolução e pela relativa possibilidade do triunfo dos reacionários.

Motivos culturais, políticos e sentimentais aliaram-se de forma consciente ou inconsciente à causa econômica e prepararam o terreno para o crescimento do movimento fascista e à formação de seu contraditório conteúdo teórico. No caso do aspecto cultural, Luce elenca como fatores que promoveram o fascismo, correntes de pensamento como o positivismo, o cientificismo, o romantismo e o futurismo, e as figuras controversas como a de Georges Sorel, Friedrich Nietzsche e Alfredo Oriani<sup>10</sup>. A difusão do positivismo e do cientificismo na Itália do começo do século XX encontrava uma oposição nas correntes românticas defensoras da experiência contra a razão e de exigências estéticas e irracionais do ânimo humano, correntes de pensamento diferentes entre si, mas que é possível de serem definidas como românticas. O futurismo, por um lado, representava uma corrente que pretendia ser uma vanguarda, mas de fato era decadente, porque procurava

uma “extravagância artificial, e sua loucura (...) não era a simpática loucura dos jovens, mas simplesmente uma aparente e afetada despreocupação dos velhos que não querem envelhecer”<sup>11</sup>. Das citadas correntes, o futurismo foi a única que se vinculou oficialmente ao fascismo, e Marinetti<sup>12</sup>, seu fundador, se tornou representante da *Reale Accademia d'Italia*<sup>13</sup>, instituição cultural do regime mussoliniano, ativa de 1929 a 1944.

O francês Georges Sorel, conforme a autora, “com seu desprezo pela democracia, que, às vezes parecia inspirado por tendências absolutistas, com seus paradoxos anti-humanitários, sem dúvida ajudou a preparar o terreno para a reação”<sup>14</sup>. Friedrich Nietzsche e sua teoria aristocrática do super homem fascinou muitos jovens adolescentes com suas ideias de vontade de potência (*wille zur macht*) e de domínio, com base em uma mentalidade individualista e egocêntrica. Outra figura da qual o fascismo se apropriou, para oferecer uma base teórica a seu pensamento, é a de Alfredo Oriani, literato, historiador e filósofo, propugnador de um pensamento que Luce define como “original e contraditório”, nacionalista e antidemocrata.<sup>15</sup> “Sim, pode se dizer que ele faz parte desta atmosfera especial, um pouco distante da vida italiana da época que descreveu; atmosfera em que se misturavam, de forma confusa, um vago misticismo, um vago individualismo, uma reação romântica contra o positivismo dominante na cultura oficial e o iluminismo democrata que constituía o ideal político da gente tranquila. Essa atmosfera continha inconscientemente, insisto nesta palavra, junto a muitas outras coisas, os embriões do que será mais tarde a aparente doutrina do fascismo”<sup>16</sup>.

O nacionalismo italiano, surgido oficialmente entre 1908 e 1910, defendido em vista da Primeira Guerra foi, com certeza, influenciado pelo estilo de Gabriele D'Annunzio que, com suas palavras e ações, empurrou a juventude italiana a exaltar os gestos heroicos, o individualismo e o belicismo. Seu pensamento aproveitou-se das ideias de Nietzsche, particularmente de seu exaltado individualismo e “pagamente imperialista”, expressou os interesses materiais de uma parte da indústria italiana (Ilva, Ansaldo, Perrone), aliando-se aos católicos quando necessário. O evento mais relevante da ação de D'Annunzio é a sua liderança no Esforço de Fiume, uma ocupação da cidade homônima<sup>17</sup> ocorrida em 1919, que se prolongou por dezesseis meses, para anexar ao Reino de Itália essa localidade disputada pela península italiana e pela Iugoslávia.

Luce considerou fundamental analisar o aspecto cultural do fascismo e das ditaduras por esse motivo, além de desenvolver a análise dos fatores que permitiram o surgimento do regime mussoliniano, ela se preocupou em enfrentar as implicações deste sobre a cultura. Esse capítulo constitui uma das contribuições mais importantes do volume, que o diferencia de análises mais preocupadas com o caráter econômico ou repressivo do regime. A autora analisou a relação entre cultura e fascismo como ditadura que controla todos os âmbitos da cultura: a escola, a imprensa, os espetáculos públicos, o rádio, as conversações e a correspondência.<sup>18</sup> Segundo as palavras de Luce, Mussolini conseguiu criar um sistema de vigilância que superava a Inquisição e o Czar russo e que impedia “não só a exteriorização do pensamento, mas o próprio pensamento”.

“A tirania clássica dos pequenos príncipes do Renascimento e dos soberanos absolutos, anteriores a 1789, era mais artificial e mais restrita. Limitando-se ao campo político, vigiava apenas as formas mais visíveis da cultura, permitindo que, à margem da literatura e da arte propriamente dita, fluísse a vida multiforme dos povos, criando e cultivando continuamente novas possibilidades, desenvolvimentos inéditos. A proibição, a censura não ultrapassava o terreno político; e apesar dos obstáculos, a civilização podia encontrar brechas para seguir seu caminho mais absorvente em seu esforço em prol da universalidade, a igreja sempre vigiou as manifestações culturais, enxergando perigos onde não via o Estado. Mas as duas esferas de influência nem sempre se identificavam.

Hoje, ao contrário, as ditaduras têm ou querem ter este caráter integral, que sempre foi a aspiração da Igreja. (...) Mas se o Estado alemão emprestou da Igreja a intolerância fanática, o Estado italiano herdou e copiou da mesma a intolerância hábil que produz efeitos mais duradouros”<sup>19</sup>.

A doutrinação do regime fascista começava na escola primária, onde a figura do “balilla”<sup>20</sup> era apresentada nos livros de leitura como exemplo de valor e patriotismo. Quem se inscrevia no corpo de pequenos militares, gozava de favorecimentos durante o período escolar. Nas escolas secundárias, a fascistização do país levou à expulsão dos professores não fascistas e à instauração de cerimônias obrigatórias, como a saudação romana, de comemorações fascistas, além das organizações estudantis oficiais, uma espionagem contínua na qual também os estudantes podiam vigiar e denunciar professores que ofendiam o regime. Os resultados deste controle sistemático da vida cultural refletiam-se com maior evidência sobre os jovens

que haviam conhecido apenas este tipo de ensino e se encontravam em uma condição que Luce definiu como “atrofia intelectual”.

A imprensa, com sua função pedagógica e de construção de uma consciência popular, estava totalmente controlada por Mussolini, que ditava aos diferentes jornais o que era permitido publicar. A anarquista italiana afirma claramente: “a imprensa na Itália praticamente não existe”<sup>21</sup>. Tanto o ensino escolar, quanto a imprensa passaram por um revisionismo histórico dos valores do passado em um sentido puramente fascista. “O mais característico e evidente, ainda que não seja o mais profundo, é a reação violenta e radical contra os valores espirituais, sociais e políticos que, originados na Revolução Francesa, constituíram o núcleo ideal e impulso de toda a história do século XIX, século que, apesar da rigidez dos almanaques, terminou seu ciclo não em 1900, mas em 1914”<sup>22</sup>.

Em relação aos espetáculos públicos, a coreografia pseudo-romana das manifestações organizadas e permitidas pelo regime, a revalorização da religião nos aspectos mais conservadores, constituíam uma contradição do próprio fascismo, uma “mística fascista”, às vezes, católica, às vezes pagã. Luce quer deixar claro que as ditaduras possuem uma nova peculiaridade: “O fascismo italiano me serviu para demonstrar que as ditaduras contemporâneas não tem nada a ver com a reação periódica a que nos acostumaram os governos pré-guerra, reação cujo caráter era exclusivamente político e exterior. Agora é a própria fonte da vida espiritual dos povos que querem dissecar, para matar os gérmenes de uma evolução que, tanto em sua forma lenta, quanto em

sua forma revolucionária, assusta os elementos estáticos e conservadores”<sup>23</sup>.

## **O modelo econômico do fascismo**

As grandes forças econômicas precisam de escravos e trabalhadores não pensantes, e para conseguir este objetivo, o fascismo a serviço do capital reduziu “todos os espíritos a um mesmo denominador e possivelmente ao mínimo denominador comum”. Os métodos utilizados para perseguir tal fim é o procedimento inquisitorial fascista-católico e um materialismo de vida conforme a civilização norte-americana. A este aspecto está relacionado tanto o autoritarismo defendido por uma parte da intelectualidade, quanto o autoritarismo de tipo classista de uma parte do mundo do trabalho, o qual inclusive, conforme Luce, é produto de uma sugestão dada pelo exemplo russo, é outra forma de impor um dogma que controla a vida cultural inteira. De fato, o bolchevismo confunde, segundo ela, a disciplina necessária para organizar um exército, com a obediência cega de um povo que não tem outros recursos próprios: “o Estado exerce sua pressão conservadora sobre estas forças espirituais, que fervem e que se transformam, para reduzi-las à unidade e à imobilidade”<sup>24</sup>. Então, o mesmo trabalho de controle cultural que acontece na Itália com o regime mussoliniano, atuando pela proibição de impressão de determinados livros ou pela doutrinação no sistema escolar, verifica-se também na Rússia comunista: “Muda o dogma, permanecem os métodos”. De fato, um aspecto fundamental que diferencia as duas ditaduras é que, no caso italiano, o Estado justificou seu poder criando uma doutrina de origem divina e transcendente, enquanto

no caso russo, o Estado foi elevado à mesma onipotência, mas desta vez em nome do proletariado: “As ditaduras em atos e as ditaduras em potência, as que se voltam ao passado e as que pretendem construir o porvir, estão realizando uma ação vasta e enérgica contra o indivíduo, contra seus direitos e suas necessidades espirituais”<sup>25</sup>.

Segundo a anarquista italiana, a inteligência humana pode ser salva apenas por forças que resistam à materialidade uniforme das ditaduras, forjando um novo humanismo sobre as ruínas, como aconteceu outras vezes na história.

Luce dedicou muitos parágrafos à relação do regime fascista com a Igreja Católica, afirmando que, se o fascismo constituiu a recusa dos valores defendidos na revolução de 1789, de fato, sua atuação determinou também a sepultura dos ganhos obtidos em 20 de setembro de 1870, com a tomada de Roma e o aparente fim do poder temporal: “Quando o princípio de autoridade triunfa na vida política, o dogma religioso se prepara para invadir e dominar a vida moral. E os dois fenômenos obedecem às mesmas causas (...). O obscurantismo religioso é o grande perigo que transporta para o mundo o fascismo”<sup>26</sup>. O primeiro programa dos fascistas de 1919 era marcado por um anticlericalismo demagógico, propugnado por seu fundador desde o passado por meio de uma propaganda antirreligiosa, superficial e com base em um débil materialismo. Para entendermos quais relações havia entre os católicos e os fascistas naquela época, citamos um trecho no qual Luce explica como a violência fascista dos camisas negras não resguardava elementos da Igreja: “Os esquadrões negros, servindo aos interesses agrários, devastavam ao mesmo tempo as cooperativas socialistas

e as cooperativas católicas. O padre de Argenta, Don Minzoni, caía sob o punhal fascista. Mas na nova atmosfera que se criara, atmosfera de terror anti-operário, os patrões começaram a demitir os assalariados que não batizavam seus filhos. Em pouco tempo, especialmente nos pequenos povoados, houve muitos batizados de crianças crescidas e muitíssimas mudanças de nomes. As procissões passaram a encher as ruas e as praças em um grande cortejo”<sup>27</sup>.

Após a Marcha de Roma, as relações entre fascismo e Igreja começaram a mudar e a se tornar mais íntimas, em uma espécie de ajuda mútua entre os dois poderes: Mussolini entendeu que uma aliança com o poder temporal teria suportado sua obra de expansão do totalitarismo, enquanto o Vaticano, com seu tradicional oportunismo, aproveitava os privilégios oferecidos pelo fascismo, esquecendo as perseguições anteriores, como a morte de Don Minzoni. Em 1924, um católico se tornava Ministro da Educação Nacional, e a partir deste momento, começou um trabalho de construção de uma nova filosofia, para chegar até os *Patti Lateranensi*, isto é, o tratado entre Estado e Igreja com a restauração do poder temporal. Luce afirma claramente que o poder temporal ressurgiu de forma integral como instituição jurídica e que apenas o fascismo, que não contemplava a opinião pública na tomada de suas decisões, conseguiu oferecer muitas vantagens à Igreja em nome da Itália.

Em breve, os pactos de 1929 previam duas partes, uma sobre o Tratado<sup>28</sup>, que se refere à formação do Estado do Vaticano, à extraterritorialidade de algumas igrejas e à condição dos eclesiásticos no território italiano, e outra sobre o Concordado, que estabelece os privilégios e responsabilidades dos eclesiásticos na sociedade italiana.

Além de acordos, nos quais os padres são excluídos do serviço militar ou o casamento religioso possui o mesmo valor do civil, o que preocupa de maneira mais evidente a jovem Luce é a relação entre Igreja e ensino público: “A ingerência eclesiástica se estende agora da escola primária à Universidade, sem deixar de lado os grupos pré-militares fascistas dos Balillas e dos *avant-guardistas*. Nas escolas secundárias foram eliminados os textos heterodoxos que respondiam à orientação gentiliana<sup>29</sup>; livros e professores devem ser do agrado da Igreja”<sup>30</sup>.

O erro da democracia foi justamente interpretar a história segundo uma concepção estática e fatalista, o que levou à consideração das conquistas liberais do século anterior como patrimônio inalienável. Por esta razão faltou uma defesa e uma superação de tais valores que teriam assegurado sua continuação. A monarquia de direito divino que parecia ter sido superada com a Revolução Francesa e com a Primeira Guerra Mundial e o poder temporal que era considerado defunto desde 1870, ressurgiram inesperadamente. O sentimento religioso, em um país em que o anticlericalismo teve muita difusão no século XIX, adquiriu nova força após a Primeira Guerra. Neste sentido, Luce lembra a existência de um livro russo de Nikolai Berdiaev, sintoma e revelação do momento histórico, que anuncia o retorno a uma época medieval e a instauração de uma teocracia que apagaria a civilização humanística e laica do Renascimento, cujas últimas manifestações agônicas seriam a burguesia capitalista e o socialismo.

Como vimos, em sua preciosa análise, Luce atribui ao aspecto do domínio cultural do fascismo um papel fundamental e por esta razão lhe dedica muita atenção,

tornando seu trabalho um caso único, particularmente na época em que foi redigido. Outro caráter marcante do fascismo italiano, ao qual a anarquista dedica um capítulo inteiro, é defesa e promoção do corporativismo, cuja origem é individuada na criação de sindicatos fascistas e na eliminação de sindicatos de outras correntes políticas, concluída em 1925 com decretos governativos e medidas repressivas. Como reportado por Luce, o primeiro passo para derrubar completamente a autonomia operária e as comissões de fábrica, foi o pacto conhecido como *Palazzo Vidoni*, entre a Confederação Geral da Indústria e a União Fascista dos Sindicatos, que se celebrou no dia 2 de outubro de 1925, em Roma.<sup>31</sup> Além disso, uma lei de abril do ano seguinte previa que o governo assumiria o controle completo das organizações dos trabalhadores e, a partir deste momento, qualquer decisão relativa aos trabalhadores seria tomada por representantes nomeados pelo Ministério, na maioria advogados, e sem nenhuma presença do proletariado. Luce analisa as várias medidas legislativas e os discursos de Mussolini na implantação de seu projeto, distinguindo as diferentes etapas da nova reorganização econômica do país. O que nos interessa dizer aqui é que no centro do pensamento corporativista estava a ideia de que era preciso substituir a autodefesa de classe pela colaboração de classe, como bem explicado por Luce: “O objeto declarado destes órgãos horizontais de relação entre sindicatos operários e sindicatos patronais é o de substituir a autodefesa de classe, proibida já nas primeiras leis sindicais fascistas, pela colaboração de classe; é o de substituir a solidariedade internacional dos trabalhadores por uma solidariedade nacional entre operários e patrões contra outros países. Nós queremos

camisas negras. o fascismo explicado por luce fabbri

substituir a guerra entre as classes pela guerra entre as nações, dizem os fascistas”<sup>32</sup>.

Sem entrar nos detalhes que caracterizaram a implantação do corporativismo, é suficiente atentar para a opinião da pensadora anarquista quando ela afirma que a história do Corporativismo é uma história de palavras. Mussolini, que em 1927, dava por acabado seu projeto, em 1934 declarava que estava para ser criado o Estado corporativo. De fato, os grandes industriais e os latifundiários foram os únicos que obtiveram ganhos com a política econômica mussoliniana por duas razões principais: o Estado forte assegurou a derrota da classe operária que após a Primeira Guerra estava intimidando os proprietários dos meios de produção e ao mesmo tempo sustentou as empresas em dificuldade com o dinheiro da sociedade. Com a sua habitual clareza Luce afirma que: “o corporativismo, instrumento de dominação de um partido, é, dessa forma, uma arma nas mãos da alta burguesia capitalista que financiou esse partido e agora sustenta o Estado, ainda que às vezes sirva como arma de chantagem recíproca nos pequenos conflitos ocasionais que se produzem entre o governo e algumas frações capitalistas”<sup>33</sup>.

O Estado Corporativo pretendia, conforme as palavras de Mussolini, representar os interesses supremos da nação aos quais os interesses particulares do capital e do trabalho deviam se sacrificar. “O fascismo não é o capital nas mãos do Estado, mas o Estado nas mãos do capital, outra forma de destruir o capitalismo liberalista”<sup>34</sup>. Na prática, o corporativismo tornou-se instrumento do capitalismo quando, por exemplo, o sindicato não pedia aumentos de salários e admitia reduções cada vez mais drásticas

sem opor nenhuma resistência. De fato, o trabalho era controlado pelo Estado, e o capital desfrutava o Estado, isso significa que “o capital é dono absoluto do trabalho”. O fascismo não ataca o capitalismo em si, mas é contrário ao liberalismo capitalista, pressionado antes pelos trustes do que pelas corporações. No entanto, sua atuação se revela em um capitalismo estático, conformado ao sistema corporativo como suporte mecânico para continuar a existir por progressivas reduções de salário e pela ajuda interessada do Estado, que, assim fazendo, coloca em risco o dinheiro público. Isso, junto com o quanto Luce analisou em seu *Camisas negras*, faz com que o totalitarismo seja assim alcançado, conforme o lema do fascismo: “tudo para o Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado”<sup>35</sup>.

Para concluir, podemos afirmar que atualmente estamos atravessando um período muito sombrio da história, por isso, resgatar análises deste tipo, nos ajuda a fazer uma leitura do presente, sabendo que é preciso conquistar a cada dia o quanto já ganhamos no passado, e mais do que isso.

## Notas

<sup>1</sup> Margareth Rago. *Entre a história e a liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, Editora UNESP, 2001, p. 23. Ver, da mesma autora: “O anarquismo e a história” in, Vera Portocarrero; Guilherme Castelo Branco. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro, NAU, 2000, pp. 88-116.

<sup>2</sup> Luigi Fabbri. *La controrivoluzione preventiva. Riflessioni sul fascismo*. Bologna, 1922.

<sup>3</sup> Luce Fabbri. *Camisas negras. Estudio crítico histórico del origen y evolución del fascismo, sus hechos y sus ideas*, con nota final proyectada a la actualidad

camisas negras. o fascismo explicado por luce fabbri

autoritaria argentina por José M. Lunazzi. Buenos Aires, Ediciones Nervio, 1935, p. 145.

<sup>4</sup> Ibidem, pp. 46-47. O filho de Miguel Primo de Rivera (ditador espanhol de 1923 a 1930) era José Primo de Rivera, fundador da Falange Espanhola, e editor do jornal El Fascio.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 52, tradução livre.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 51, tradução livre.

<sup>7</sup> Ibidem, pp. 146-147.

<sup>8</sup> Ibidem, tradução livre.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 64, tradução livre.

<sup>10</sup> Alfredo Oriani (1852-1909): após a Primeira Guerra o fascismo publicou suas obras completas em 30 volumes.

<sup>11</sup> Luce Fabbri, 1935, op. cit., p. 59, tradução livre.

<sup>12</sup> Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944): poeta, escritor, jornalista e ativista político italiano. Foi o iniciador do movimento futurista, cujo manifesto foi publicado pela primeira vez no jornal parisiense *Le Figaro*, em 20 de fevereiro de 1909.

<sup>13</sup> Fundada com a tarefa de promover e coordenar o movimento intelectual italiano no campo das ciências, das letras e das artes, manter puro o caráter nacional, de acordo com o gênio e tradições da linhagem e favorecer sua expansão e influência além das fronteiras do Estado (art. 2 do Estatuto). [Tradução livre do original em taliano.

<sup>14</sup> Luce Fabbri, 1935, op. cit., p. 56, tradução livre.

<sup>15</sup> Idem, p. 58, tradução livre.

<sup>16</sup> Ibidem, tradução livre.

<sup>17</sup> Hoje é a terceira maior cidade e o principal porto da Croácia, com o nome de Rijeka.

<sup>18</sup> Ibidem, pp. 195-196.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 189, tradução livre.

<sup>20</sup> Balilla era o nome de jovens de 8 a 14 anos integrantes de alguma brigada fascista para a juventude.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 213, tradução livre.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 15, tradução livre.

<sup>23</sup> Ibidem, pp. 215-216, tradução livre.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 220, tradução livre.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 222.

<sup>26</sup> Ibidem, tradução livre.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 123, tradução livre.

<sup>28</sup> Tratado de Latrão que garante a soberania do Estado do Vaticano.

<sup>29</sup> Referente às ideias e à reforma educacional do intelectual italiano Giovanni Gentile (1875-1944), o "filósofo do fascismo", que introduziu o ensino religioso nas escolas e foi ministro da instrução pública no início do governo de Mussolini.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 131, tradução livre.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 154.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 157, tradução livre.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 174, tradução livre.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 185, tradução livre.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 152, tradução livre.

camisas negras. o fascismo explicado por luce fabbri

*Resumo*

*A autora mostra a relevância do trabalho da anarquista Luce Fabbri em torno da emergência e desenvolvimento do fascismo italiano, a partir da coletânea de seus escritos no livro Camisas negras.*

*Palavras-chave: Fascismo italiano, Luce Fabbri, anarquismo.*

*Abstract*

*The author shows the relevance of the anarchist Luce Fabbri's work around the rise and development of Italian fascism, based on Fabbri's book Camisas negras.*

*Keywords: Italian fascism, Luce Fabbri, anarchism.*

***Blackshirts. Fascism explained by Luce Fabbri, Elena Schembri.***

*Recebido para publicação em 01 de abril de 2019. Confirmado em 15 de agosto de 2019.*